

A alimentação de idosos sob vigilância: experiências no interior de um asilo

Food for elderly under surveillance: experiences inside an asylum

Renata Borba de Amorim Oliveira¹
Renato Peixoto Veras²
Shirley Donizete Prado³

Resumo

Entendemos que o cotidiano alimentar no interior de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) pode ser estudado utilizando como referenciais teóricos os estudos de Goffman e Foucault. O primeiro autor nos auxilia nos debates sobre estrutura, natureza e dinâmica desses espaços, enquanto o segundo articula as eminentes questões disciplinares envolvidas neste contexto. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com idosos residentes em duas instituições localizadas no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Observamos que os idosos se encontram em franco processo de desumanização, se contentam com a sobrevivência do corpo biológico e com as regras institucionais, que impedem qualquer tipo de flexibilidade. O cotidiano dessas pessoas é destituído de vida. Elas aguardam “a morte chegar”. A comida acaba sendo um mero mantenedor desse beco sem saída, de resignação completa, de expiação. Consideramos necessária uma profunda reflexão sobre o importante papel que a comida pode desempenhar como forma de resgate do imaginário desses idosos no espaço que habitam.

Palavras-chave:

Alimentação. Instituição de Longa Permanência para Idoso. Poder.

Abstract

We understand that the daily food within an institution for the aged can be studied using the theoretical studies of Goffman and Foucault. The first author helps us with the details concerning structure, nature and dynamics of these spaces, while the latter articulates the leading disciplinary issues involved in this context. We performed a qualitative study of elderly residents in two institutions located in Rio de Janeiro, Brazil. It was observed that older people are inhuman, settled with the survival of the biological body, and the institutional rules prevent any kind of flexibility. The daily life of these people is deprived of life. They are really waiting for “death to come.” Food ends up being merely a maintainer of this impasse, full resignation and expiation. We need a profound reflection on the important role food can play as a way to redeem the minds of these elderly on the space they live in.

Key words:

Food. Institution for the aged. Power.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Ciências Médicas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Aberta da Terceira Idade. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Nutrição. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Correspondência / Correspondence

Renata Borba de Amorim Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Ciências Médicas
Av. Prof. Manoel de Abreu, 444 1º andar
20550-170 - Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: amorimrb@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada¹, no Brasil há aproximadamente cem mil idosos morando em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

A insuficiência de programas públicos de cuidado domiciliar, a redução da disponibilidade de cuidado familiar e a crescente proporção de idosos com incapacidade e fragilizados, moradias com espaço físico reduzido², além de estágios terminais de doenças e níveis de dependência muito elevados³ são considerados os principais fatores de risco para a institucionalização na velhice.

Ao analisarmos o contexto das instituições, tomamos como referencial teórico os estudos de Goffman⁴ e Foucault⁵. Goffman retrata os detalhes do cotidiano da sociedade institucional, as relações intrainstitucionais e as estratégias de poder, e Foucault, mais profundamente, analisa a microfísica desse poder, revelando a questão disciplinar como forma de dominação nestes espaços e todas as repercussões advindas desta prática.

Segundo Goffman⁴, a concepção de poder instalada nesses locais expressa um caráter modelador, repressivo e mutilador do eu, onde encontramos opressores e oprimidos (neste caso, dirigentes e idosos, respectivamente), reações de modelagem e resistência entre estes dois grupos. Foucault refere que a disciplina fabrica corpos submissos, exercitados. A tecnologia disciplinar promove o “esquadrinhamento” de sujeitos individuais, gerando espaços complexos.

As características das instituições consideradas por Goffman⁴ são: tendência ao “fechamento” simbolizado pela barreira à relação social com o mundo; as atividades controladas por horários; o controle das necessidades humanas; o sujeito com uma “cultura aparente” até o momento da admissão na instituição, quando ocorrem os processos de “programação” e “enquadramento” na máquina administrativa, com os residentes renunciando à sociabilidade; a perda de

comodidade material refletindo na perda de escolha pessoal e a “mortificação” ou “mutilação” do eu, o que geralmente gera uma aguda tensão psicológica inicial.

Foucault⁵ descreve os complexos espaços disciplinares como arquitetônicos, funcionais e hierárquicos, onde as relações de poder funcionam de forma discreta, assegurando a regulação do corpo social inteiro. Mostra o esquadrinhamento do tempo na instituição, tendo como características fundamentais a exatidão, a regularidade como formas de controlar, vigiar e anular tudo que não cumpra com estes objetivos.

Podemos entender a alimentação no interior da rotina dessas instituições como expressão dos conceitos de Goffman⁴ e Foucault⁵. O comando de horários, a fiscalização do comer e a programação da rotina fabricando corpos subordinados em espaços dominados.

A alimentação é uma necessidade humana de livre demanda, porém tem que se encaixar na burocracia imposta pela instituição. Há uma uniformização dos costumes, em que a forma de vida e o conjunto de atividades anteriores são rearrumados e encaixados nesta nova rotina institucional.

A aceitação da alimentação por parte do indivíduo é fundamental para a permanência em uma instituição. Os que, num movimento de contracontrole, rejeitam a comida, não permanecem no local, pois o não alimentar-se caracteriza que a equipe dirigente não conseguiu estabelecer o controle formal⁴.

Os residentes se sujeitam a comer a comida, por menos agradável que esteja. Quando alguém recusa a alimentação, pode haver desde a contaminação imposta pela “alimentação forçada” até a saída da pessoa da instituição, por não ter se “adequado”⁴.

A rotina das refeições é extremamente rígida e estruturada de forma a manter a “organização” da instituição. A formação de filas no horário da refeição é um exemplo disso, segundo o autor. Isso ocorreu em um abrigo estudado, porém

observamos também que, os que tinham ligações mais estreitas com os funcionários, eram dispensados dessa obrigação e iam para as refeições depois dos outros.

A partir de nossas observações, identificamos os refeitórios como um local-fonte de bens rituais, pois frutas ou alimentos portáteis eram levados para o interior dos aposentos, se transformando em bens pessoais⁴.

É possível perceber que atitudes interpessoais são desestimuladas no interior das instituições. Ao entrar na fila para repetir a refeição, um residente poderia perguntar a seus companheiros de mesa se poderia trazer algo para eles, em troca, estes poderiam oferecer-lhe sal, pimenta ou açúcar, que, de outra forma, teriam levado consigo. Ao receber bolos e doces em uma festa interna, uma pessoa poderia embrulhar parte do que recebera e levar para um amigo que não quis participar⁴. Porém estes pequenos gestos são pouco frequentes.

A alimentação envolve diversos significados, desde o âmbito cultural coletivo até as experiências pessoais mais singulares. Nas práticas alimentares, a subjetividade veiculada inclui a identidade cultural, a condição social, a religião, a memória familiar, a época, que perpassam por esta experiência diária, garantia de nossa sobrevivência biológica e social⁶.

Há uma carência de estudos relacionados à alimentação e nutrição de idosos institucionalizados, seja na forma de análises quantitativas das dietas destes locais, bem como investigações que visem ao entendimento da alimentação como fenômeno sociocultural e historicamente derivado, em um olhar plurilateral⁷.

Entendendo a alimentação como fator indissociável da vida de qualquer indivíduo, um elemento importante que ajuda a dar significado a nossas vidas, este estudo objetiva auxiliar na construção de um retrato da rotina alimentar dos idosos que vivem em instituições.

METODOLOGIA

Os critérios éticos foram obedecidos de acordo com a Resolução nº 196/96 do Ministério da Saúde. Foi mantido o anonimato dos participantes. Eles foram informados dos objetivos da pesquisa e da utilização das informações obtidas para fins acadêmicos. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (UERJ), no ano de 2007.

Foi utilizada a metodologia qualitativa de pesquisa, que abordou o fenômeno social alimentação e suas complexidades no grupo de idosos institucionalizados através de uma investigação etnográfica, sendo esta entendida como a descrição de uma cultura, na qual a tarefa do investigador é se aproximar dos sujeitos na busca de compreender a teia de significados em que estão inseridos⁸.

Como método de investigação, a etnografia deve superar a finalidade descritiva, sendo esta a base sobre a qual se interpreta, com intencionalidade de interpretação e crítica⁹.

As abordagens foram realizadas no ano de 2008 com dez indivíduos residentes em duas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em meio urbano, no município do Rio de Janeiro, que apresentavam autonomia mental e idade superior a 60 anos. Foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: a observação participante e entrevistas semi-estruturadas.

A técnica de observação participante foi utilizada para “descobrir” aspectos da alimentação nesse universo. Assim, foram realizados um planejamento do trabalho e preparação do observador¹⁰. Através desta, o observador se coloca face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe os “dados”, entendidos como construções sociais¹¹. Este tipo de abordagem reflete as

concepções de Malinowski¹² e suas bases metodológicas de inserção na realidade empírica dos sujeitos.

Foram adotadas as entrevistas semiestruturadas com idosos considerados como informantes-chave pelos profissionais que trabalham nas instituições e pelos próprios idosos. O entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada¹¹. Estas se desenvolvem a partir de um esquema básico, porém flexível, pois permite ao entrevistador fazer adaptações¹⁰.

As entrevistas foram realizadas em local silencioso, confortável, que permitiu privacidade, em horários recomendados como melhores para as instituições. Foram gravadas com o auxílio de um equipamento eletrônico e posteriormente transcritas na íntegra.

Foi registrado o modo como foram estabelecidos esses contatos, a forma como o entrevistador foi recebido pelo entrevistado, o grau de disponibilidade para a concessão do depoimento, a postura adotada durante a coleta do depoimento, gestos, sinais corporais, elementos significativos para a leitura/interpretação posterior, bem como para a compreensão daquele universo¹³.

Rotina marcada pela alimentação e a ausência de outras atividades

Nesta categoria, foram agrupadas as unidades que diziam respeito à rotina de atividades (ou a falta delas) no cotidiano da instituição.

Dos idosos entrevistados, todos mencionaram os horários das refeições como fatores que marcam a divisão do seu dia, intercalado com poucas atividades. É possível perceber claramente que a menor parte dos idosos buscava atividades como forma de fazer com que o dia passe mais rapidamente, como “atividades de evasão”⁴, em que eles se desconectam temporariamente de si e do ambiente. A rotina destes idosos se torna um eterno esperar pela próxima refeição.

O estabelecimento de horários é tanto fundamental para a administração do tempo como para reforçar a tecnologia disciplinar⁵. No entanto, a manutenção de uma regularidade e exatidão das atividades cria sujeitos “dessubjetivados”, reduzidos a objetos materiais¹⁴.

“Aqui a gente só come, bebe e dorme [...] tudo é elas que fazem, aqui ninguém faz nada [...] De manhã nós acordamos, umas 5:30h, tomamos banho, e fica na cama esperando elas chamarem pro café [...] aí tomamos o café, depois do café a gente vem pra fora [...] 10h vem a merenda, 11:30 é o almoço, acabamos de almoçar pra dormir, levanta, senta na mesa pro lanche, logo mais às 7h tem a oração da Ave Maria, é a janta...quem pode ficar vendo novela, fica, mas se não pode, como eu não gosto, [...] fico ali um tempinho descansando a janta.” (D. Betina, viúva de 93 anos, três filhos falecidos)

“Me levanto de manhã, tomo banho, né, que é a hora do banho pra gente tomar [...] e elas chamam pra tomar café, depois venho cá pra fora, ficamos ali sentadas, dou um passeiozinho pra cá e pra lá, cambaleando mais pra andar um pouco, pra não ficar muito sentada, aí fico ali sentada, às 10h a menina dá uma laranja [...] depois às 11:30 é o almoço, feijão, porque tenho que comer feijão de qualquer maneira, que tem ferro né, feijão, um pouquinho de arroz, legumes, os legumes são variados, uma vez é um pouquinho de carne, outra vez é frango [...] mais nada [...] depois do almoço, eu descanso [...] aqui tem a ordem do descanso [...] ficar esticada até que é bom [...] aí vou lanchar [...] o lanche é uma vez é suco, mate, mingau, mas mingau também não tomo [...] vitamina também não tomo, tomo mais é chá com biscoitinho cream cracker [...] depois [...] a esta hora, a gente fica fazendo aí hora [...] até às 5h [...] a gente corre pra assistir à prece aqui [...] aí às 7h, é o jantar [...] depois do jantar, quem quer ficar ali vendo a novela fica, ou vendo o jornal nacional, durante o dia é isto a minha vida [...]” (D. Sofia, portuguesa de 85 anos)

“Bom, eu, não tô aqui de come e dorme, não [...] eu trabalho, eu faço tricot [...] Nós aqui levantamos, a moça da noite, levanta 5:30, [...] porque nosso café é 8 horas [...] Tomo café, assim que acabo de tomar

café, nós viemos todas praqui, né [...] aqui pra baixo, até 11h, que 11h a gente vai sentar na mesa pro almoço [...] Eu faço (tricot) de manhã um pouco e faço de tarde [...] eu adoro ler [...] mas eu leio só Sabrina, Bianca e Júlia [...] porque no final acaba tudo bem [...] Tem o café da manhã, às 10h tem um lanche (banana ou outra fruta qualquer) [...] às 11h a gente senta pra almoçar [...] às 2h acaba o repouso (acaba de almoçar a gente se deita, fica até 2h) [...] 2h a gente senta na mesa pra fazer lanche às 3h, faz o lanche...É o dia inteiro comendo!!! (risos) [...] Eu como muito pouco, sabe? Depois da janta, eu me deito, e fico ouvindo rádio até 10h, sabe?” (D. Maria, viúva carioca de 86 anos)

Há uma determinação dos espaços que as idosas podem habitar nos diferentes horários. Depois do almoço, as idosas ficam todas em uma varanda, estrategicamente definida por ser o local onde o lanche será servido em seguida e que podemos caracterizar como “espaço da vigilância”⁵, ou seja, uma área em que o indivíduo pode estar, sujeito à autoridade e às restrições usuais do estabelecimento. Para Foucault⁵: “As disciplinas [...] criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos” (p.174).

Não há incentivo para as atividades em conjunto, tendo em vista que a própria instituição não fornece elementos que fortaleçam a interação ou espírito de cooperação.

As atividades que poucos fazem, são por vontade e habilidade próprias de cada idosa e o material necessário para a realização destes trabalhos manuais é subsidiado por voluntários. Ou seja, quando os idosos optam por alguma atividade, ainda ficam dependentes de terceiros.

A comida não é um elemento utilizado como meio de trocas econômicas ou de doação a outrem. Isso é desestimulado pela instituição através de uma série de mecanismos de controle: bloqueio à

entrada de produtos, controle do fluxo de alimentos e pela impossibilidade do idoso manter comida sob seu controle. Sendo assim, ele não adquire a característica de bem ritual⁴.

A atividade ou fazer humano é essencial ao equilíbrio físico, psicoemocional e social do idoso. Isto o estimula a continuar fazendo planos, estabelece os contatos sociais, torna-o ativo, sujeito de si e da vida. Um ser humano sem o estigma de velho, enquanto evidências demonstram que o não fazer é nocivo à saúde do idoso¹⁵.

Incapacidade de indignação com a alimentação e com a vida

Esta categoria se refere ao que os idosos julgam a respeito da alimentação da instituição. Podemos notar que a maioria diz estar satisfeito, porém mencionando limitações e hábitos individuais, que nem sempre são levados em consideração.

Mostram-se igualmente resignados em não comer o que o médico “proibiu” ou o “que não é mais próprio para a idade”, nos evidenciando uma imagem (instituída e instituinte, posto que reforçada pelo abrigo) de pessoas constantemente doentes.

Há registros na nossa cultura alimentar de se considerar sopa como “comida de doente”. Na primeira instituição estudada, diariamente no horário do jantar é servida uma sopa. Na época da guerra, quando os jovens eram feridos ou presos, eram obrigados a “engolir” a sopa durante a hospitalização. Mas, segundo Maes¹⁶, quando isto é regular, torna-se um castigo. A repetição engendra o tédio e suscita a aversão.

Na instituição feminina, existe uma tentativa de não contaminação dos sujeitos⁴ no aspecto físico. Não há queixa de alimentos sujos, locais em desordem, toalhas sujas, sapatos e roupas impregnados de suor, instalações sujas para o banho, o que lhes garante condições mínimas de sobrevivência do corpo biológico. Porém, não há uma preocupação com as relações sociais, crenças, sentimentos, sonhos e desejos.

“A minha alimentação, eu tô gostando, porque eu só como mesmo as coisas que eu posso comer. Coisa que eu não posso comer, porque o médico proibiu, eu não como, eu posso até gostar, mas eu não como de jeito nenhum. [...] Tem uma senhora que às vezes vem trazer lanche aí, mas ela já conhece as vovós, então ela traz só as coisas que as vovós pode comer. Às vezes ela traz cachorro quente de soja, né, porque isso aí não faz mal pra ninguém, e sanduíche de peito de peru... Às vezes bolo também [...] bolo normal eu posso comer... Pela minha fé, a minha perna já tá curada, sabe, e eu pretendo fazer de tudo, não comer nada que eu não possa” (D. Jurema, solteira, não teve filhos)

“Bem, alimentação aqui é boa, mas só tem uma alimentação que eu como [...] é sopa [...] sopa eu não gosto muito, mas eu como um pouco [...] Olha, a minha comida é feijão, arroz, carne com gordura eu não como, eu não posso comer gordura porque o médico proibiu [...] Agora, comida que é assim aquela água, eu não gosto, não [...] Eu fiz muita sopa, mas não é aquela água, não [...]” (D. Clara, paraibana há cinco anos asilada)

“Ué, boa, né [...] Nós comemos muita carne [...] Eu tô enjoada de carne [...] aqui tem muita carne vermelha [...] Então, eu gosto de um bifinho [...] não vou dizer que não gosto de um bifinho à milanesa? [...] de uma almôndega, carne moída, mas carne assim aos pedacinhos, eu digo, “Bota só um pedacinho [...]” Então, eu acho que podia ter mais um pouquinho de peixe, não pode dar peixe frito, dá um peixinho ensopado [...] Mas a comida é farta [...] No café, nós comemos café com leite, sopinha no jantar [...] O tratamento é muito bom [...] Queria só um peixezinho [...] Eu mesma me polício [...] Eu sou assim [...] Eu gosto muito de comer [...] Se me derem dois bombons, eu como hoje um e guardo o outro pra amanhã [...] Eu gosto, mas não sou gulosa [...] quer dizer, eu reconheço a minha idade, né? [...] Eu gosto, mas me controlo [...]” (D. Elaine, carioca de 83 anos)

“Aqui [...] acho maravilhosa [...] É uma alimentação que não é salgada, é um pouquinho assim, mais sem sal, né [...] As funcionárias são maravilhosas, limpa tudo, faz tudo que é faxina [...] e assim vai passando o dia, pra não passar muito rápido, eu faço bastante tricot.” (D. Irene, viúva, tem três filhos)

Podemos comparar a situação de institucionalização com o descrito por Victor Hugo¹⁷, em *Os Miseráveis*, quando compara uma prisão e um claustro da época da Revolução Francesa: no primeiro, há a possibilidade de evasão, e no segundo, a perpetuidade e a morte mais adiante. Nas palavras do autor: “No primeiro, a pessoa está presa apenas pelas correntes; no outro, está acorrentada pela fé. O que se desprendia do primeiro? Uma maldição imensa, o ranger de dentes, o ódio, a maldade desesperada, um grito de raiva contra a sociedade humana, um sarcasmo contra o céu. E o segundo? As bênçãos e o amor. E nesses dois lugares tão semelhantes e tão diversos essas duas espécies de criaturas tão diferentes realizavam a mesma obra, a expiação” (p. 473).

Podemos observar que as idosas são frequentemente chamadas de vovós ou meninas. De acordo com Goffman, essa infantilização social é uma forma de tiranização do indivíduo, pois se tira dele autonomia, liberdade de ação e capacidade de decisão. Tudo fica sujeito a regulamentos, violentando sua autonomia pessoal¹⁸.

Para Spinoza, a diminuição da “potência do agir” conduz a uma passividade, que leva à servidão. Ficamos, assim, escravos sem saber o que somos. Reagimos, alienados de nós, passivos, sem usar nossa capacidade ativa e criativa, o que nos impulsiona a um círculo vicioso de dependência. Provoca-se assim, uma própria destruição¹⁹.

Segundo Foucault⁵: “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.” (p. 195)

A comida acaba sendo mantenedora dessa vida sem vida, desse beco sem saída, de resignação completa, de expiação. Enfim, uma expressão biológica material sem vida.

Mudanças relacionadas à alimentação ao longo da vida e na condição atual de institucionalização

Reunimos nesta categoria as semelhanças e diferenças da alimentação atual dos idosos com o que foi vivido por eles antes da entrada na instituição.

Houve grande diversidade de respostas, desde idosos que relataram diferença da alimentação nesses períodos até as que disseram que havia sofrido pequenas ou até nenhuma modificação. Em sua maioria, sugeririam pequenas e tímidas mudanças, em que se incluíam algumas guloseimas, mencionaram hábitos regionais, quantidade de sal, “tempero”, uma maior variedade de alimentos, mudança da preparação no jantar (retirada da sopa diariamente) e comer “o que não podem comer”.

“É muito diferente [...] Porque a senhora sabe, na casa da gente, a gente faz o que quer, como gosta, e o que gosta, o que tem e o que pode, né isso? [...] Nós comíamos muito era peixe e tinha muito apego a peixe, camarão, peixe ensopado, peixe frito, camarão [...]” (D. Betina, asilada há quatro anos)

“Não muda muita coisa, não [...] As coisas que eu comia eram parecidas com as coisas que eu como aqui [...] Quantidade também [...]” (D. Jurema, mineira, solteira de 66 anos)

“Ah, antes de vir pra cá, minha filha, eu sou muito esganada, eu comia tudo, eu comia tudo [...] (risos) [...] Eu sou muito comilona (risos)” (D. Irene, que relata como motivo de asilamento não querer incomodar na casa da filha)

“Aqui eu não posso mudar, aqui tudo é controlado [...] Eu pretendo sair daqui. Quando eu tiver meu cantinho eu pretendo variar, né. Por exemplo, se eu comer uma verdura hoje, amanhã eu como outra diferente, se eu comer couve hoje, amanhã eu já vou comer brócolis, repolho, salada de alface, tomate com agrião, essas coisas que eu posso comer assim [...] Aí eu vou poder, né, agora aqui não [...] Aqui eu tenho que comer o que tem, né [...]” (D. Jurema, mineira)

“Sinceramente, se eu pudesse mudar alguma coisa, saía daqui e ia pra minha casa de antigamente! E não é possível, né [...] A gente sente falta [...]” (D. Maria, asilada há cinco anos)

“Não [...] Só quando eu chegar na minha casa, é que eu vou fazer do meu jeito [...] (risos) [...] Bem, toda a comida é de um jeito, né? O meu jeito, eu fazia como todas as cozinheiras lá do norte [...]” (D. Clara, paraibana)

Uma cultura alimentar é resultado de um processo de aprendizagem que se inicia no momento do nascimento e se consolida no contexto familiar e social. Por essa razão, entende-se que as diferenças na alimentação podem ser vividas com uma mescla de surpresa, estranheza, desconfiança ou repulsa²⁰.

É notório que o idoso institucionalizado perde a autonomia que o comensal contemporâneo possui, de estabelecer condutas individuais (ritmo, tempo, companhia) e, nessa perspectiva, eles passam a não eleger mais os seus próprios pacotes de consumo²¹.

A alimentação também informa sobre a capacidade de as pessoas exercerem papéis familiares e a mulher está especialmente inserida neste contexto, como mãe, dona-de-casa e principal responsável pelo controle e gerência doméstico²². Contudo, com a institucionalização, esta é uma das funções mais importantes que elas perdem. Ainda segundo Canesqui²², dentre as atividades domésticas da família trabalhadora, cozinhar é e foi a tarefa feminina mais importante, principalmente no passado.

Foucault⁵ identifica estratégias de poder brutais (castigos) e outras mais refinadas (prêmios), reforçando as relações de poder. Podemos citar o fato de as idosas não participarem do almoço mensal que acontece no abrigo e a autorização que poucas idosas possuem de participar do corte dos legumes nos fins de semana.

Podemos claramente perceber que a instituição define quem pode ser privilegiado, podendo ser

reconhecido como “colaborador”, um indivíduo “normal”, “programado”, “interiorizado”. As instituições lidam com os indivíduos a partir da concepção que criam a respeito de suas identidades²³.

Falta de desejos em relação à comida

Nesta categoria, evidenciamos a existência ou não de desejos em relação à comida. Em mais um momento, pode-se observar que os idosos estão resignados e sem sonhos, tanto no campo da alimentação, como para sua vida de uma maneira geral, deixando de lado a alimentação como algo tão marcante e fonte inspiradora de desejos, se analisarmos a história das nossas vidas, acontecimentos, datas importantes, confraternizações em família, com amigos, etc.

Não há espaço para escolhas pessoais, concorrendo para o que Goffman⁴ denomina de mortificação do eu, o que, segundo ele, para um indivíduo desiludido com o mundo, parece provocar certo alívio psicológico.

O comodismo parece proteger do risco de insucesso na empreitada de se mudar algo já, afinal de contas, familiar, o medo de que o novo seja pior que o já conhecido, que se perca o pouco que se tem e nada se ganhe no lugar. Afinal, um tempo presente sem conquistas é também um tempo sob controle, seguro²⁴.

Nas práticas alimentares, está contida a identidade cultural, a condição social expressa nos procedimentos de escolha e preparação do alimento e ao seu consumo, manifestando-se na experiência diária daquilo que se come, de como se come, dos desejos por certos alimentos e preparações, do lugar em que se come²⁵ e uma falta de desejos pode ser interpretada como o apagar de experiências alimentares, uma identidade cultural enfraquecida.

“Não, minha filha [...] porque não dá pra ter [...] sabe? [...] E como eu já disse [...] porque na casa da gente, a gente faz feijão é todo dia, né [...] um dia faz peixe frito, outro dia faz peixe ensopado, outro dia faz camarão, outro dia faz carne, galinha, [...]

Então sobre comida não tenho o que dizer, eu gosto das coisas que bota, tudo que bota, eu como de tudo [...] Em casa a gente faz o que a gente tá querendo fazer, né [...]” (D. Betina)

“É [...] desejo [...] o que os olhos não vêem o coração não sente [...] Não vejo outra coisa senão aquela (comida) mesma, não sou muito gananciosa, não [...] sempre fui muito calminha [...] comia o normal [...] nunca fui gulosa [...] não gosto de doce, começa logo [...] O que eu adoro é pão, pão e torrada, sabe? Eu sou capaz de comer um pão duro, sem manteiga, sem nada, mas é pão, tudo bem.” (D. Sofia)

“Não, não, não [...] Eu como qualquer comidinha que me der [...] Só não posso comer sem sal [...] sem sal nenhum [...] mas que tenha cebola, que tenha alho, cebolinha verde, coentro, pra comida ficar gostosa.” (D. Clara)

“Às vezes a gente tem vontade de comer uma coisa que não tá ali, né? Mas é comum [...] às vezes a gente quer comer alguma coisa, pensa, não sei [...] Eu só não gosto de coisa salgada, se a comida tiver salgada, aí eu acho que tá salgada [...] se é arroz, se é feijão, se é arroz com abóbora, qualquer tipo de comida eu gosto.” (D. Lourdinha)

“Não [...] eu tô dizendo comer bacalhau [...] (risos) [...] no Natal nós comemos bacalhau, bem ensossinho, mas comemos bacalhau (risos).” (D. Maria)

Muitos podem enxergar a falta de sonhos e desejos como a ausência na busca por autonomia e independência, refletindo uma falta de esperança de um porvir²⁶.

Vazio em perspectivas futuras

Nesta categoria, são apresentados os relatos dos idosos a respeito do futuro. A maior parte deles menciona Deus e a morte. Há os que sonham em ir embora, os que pedem apenas saúde, os que não querem ficar dependentes, os que não pensam no futuro, até a que não avista futuro algum.

Muitas enxergam a morte como uma libertação de uma vida destituída de significado e amor humano²⁶.

“O meu futuro, aqui, ou em qualquer canto, é um dia eu partir para o plano espiritual [...] Se eu merecer eu vou receber um lugarzinho fresco, como está aqui [...] e se eu não merecer eu fico num lugarzinho mais quente [...] Aí quem sabe é Ele.” (D. Betina)

“O futuro a Deus pertence! Eu nem penso no futuro! Penso no presente [...] O futuro, eu deixo na mão de Deus [...] O que eu desejo é que dê saúde aos meus [...] e peço muita proteção pra esta casa [...] é só o que peço [...] (chorando). O dia que chegar, chegon [...] não penso que vou morrer [...] o dia que morrer, morri [...] não tenbo [...] não sou pegada a nada [...] não sou pegada a nada.” (D. Sofia)

“Ah, minha filha [...] se você for perguntar isso à minha irmã [...] minha irmã tem horror de morrer [...] (risos). Eu só peço o seguinte [...] que não me maltrate muito pra mim fazer a passagem [...] mas que me leve pra mim sossegar [...]” (D. Maria)

“Olha, o meu futuro tá na mão de Jesus [...] Olha, eu entrego todos os minutos que tem no dia, eu entrego. Olha, eu só tenbo expectativa numa coisa: vida, saúde, paz e amor pra todo mundo.” (D. Clara)

“De quem? Minha? Ah, não, minha filha [...] Minha vida é esperar quando papai do céu me chamar [...] Agora, que eu peço à Deus que Deus me proteja, que eu não tenbo família, né [...] que eu não fique dependente [...] Muito triste a pessoa ficar na cadeira de rodas, não poder tomar um banho [...] muito triste. Não é a velhice que assusta [...] a dependência é que é [...] mas, Deus é que sabe.” (D. Elaine)

“Futuro? Acabou (risos) [...] O futuro não existe mais pra mim [...] Acabou [...] (risos) [...] Não tenbo mais futuro [...] Pra mim não [...] não sei, fazer o quê?” (D. Lourdinha)

Os idosos vivem num mundo à parte, onde perdem sua individualidade, entram aos poucos num processo de isolamento e deixam de “existir”. Negam-se e lhes são negadas as possibilidades de elaboração de projetos, por viverem num mundo sem significado pessoal²⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos a alimentação de idosos institucionalizados, utilizando como referenciais teóricos os conceitos de Goffman e Foucault, em que Goffman se insere na dinâmica destes espaços e Foucault articula as questões disciplinares envolvidas com a alimentação.

Há uma perda dos espaços individuais e a alimentação passa a ser um bem coletivo, oferecido aos idosos em horários determinados, com pouca permissão de variações, havendo imposição de impedimentos à sua vontade e resignação da parte deles.

O discurso de aparente satisfação pode ser entendido como um receio, por parte do idoso, em criticar a instituição em que vive e isso prejudicá-lo de alguma forma.

Nota-se, através da fala dos idosos, que as regras institucionais impedem a flexibilidade, o que é indispensável a uma vida saudável, em que a satisfação de pequenos gostos individuais poderia representar pequenos momentos de felicidade.

O cotidiano dessas pessoas é destituído de vida. Elas literalmente aguardam “a morte chegar”. Uma vida material sem vida, vazia e à espera da morte.

Seria isso vida ou sobrevivência? Pode-se considerar viver o não poder jamais comer o que se deseja? O resignar-se diante da inexistência do que fazer? Ou do fazer alguma coisa para não pensar na vida? Pensar na vida: uma das preciosidades facultadas à vida humana; sem ela, somos humanos?

Consideramos que todo o esforço deve ser feito para que o imaginário desses idosos asilados continue percorrendo os espaços que habita, buscando sua realização como seres humanos.

REFERÊNCIAS

1. Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SEDH) da Presidência da República e Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI). Condições de funcionamento e de infraestrutura nas instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Disponível em: URL: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/Livro_%20CaractdasInstituicoesRegiao_Sul.pdf
2. Creutzberg M, Gonçalves LHT, Sobottka EA, Santos BRL. A comunicação entre a família e a Instituição de Longa Permanência para Idosos. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol* 2007; 10(2).
3. Chaimowicz F, Greco DB. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte. *Rev. Saúde Pública* 1999; 33(5):454-60.
4. Goffman E. *Manicômios, prisões e conventos*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva; 2005.
5. Foucault M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 6. ed. Petrópolis: Vozes; 1988. p. 280.
6. Garcia, RWD. Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no centro da cidade de São Paulo. *Cad. Saúde Pública* 1997; 13(3): 455-467.
7. Canesqui AM, Garcia RWD. Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação. In: _____. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 9-19.
8. Fino CN. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: Escallier C, Veríssimo N (orgs.). *Educação e Cultura*. Funchal: DCE Universidade da Madeira; 2008. p. 43-53.
9. Sabirón F. Estructura de un proyecto de investigación em etnografía de la educación. *Rev. Européia. Etnografía da Educação* 2001; 1:27-42.
10. Rocha SMM, Lima RAG, Scochi CGS, Vandrúsculo DMS, Mello DF. Estudo da assistência integral à criança e ao adolescente através da pesquisa qualitativa. *Rev Latino-Am Enfermagem* 1998; 6 (5): 5-15.
11. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec; 2006 406 p.
12. Malinowski B. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. 1. ed. São Paulo: Abril; 1976.
13. Duarte R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cad. Pesquisa* 2002; 115: 139-154.
14. Benelli SJ. Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total. *Rev. Psicol. Estudo* 2003; 8(2):99-114.
15. Lima MAXC. *O fazer institucionalizado: o cotidiano do asilamento*. 2005. [dissertação]. São Paulo: Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2005.
16. Maes G. A sopa no hospital: testemunho. In: Canesqui AM, Garcia RWD. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 239-252.
17. Hugo V. *Os Miseráveis: texto integral*. São Paulo: Martin Claire; 2007. 783 p.
18. Benelli SJ. A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. *Rev. Estud. Psicol* 2004; 21(3):237-252.
19. Carvalho MC, Martins AA. A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual. *Ciênc. Saúde Coletiva* 2004; 9(4):1003-1012.
20. Hernández JC. Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. In: Canesqui AM, Garcia RWD. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 129-145.
21. Arnaiz MG. Em direção a uma Nova Ordem Alimentar? In: Canesqui AM, Garcia RWD. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 147-164.
22. Canesqui AM. Mudanças e permanências na prática alimentar cotidiana de famílias de trabalhadores In: Canesqui AM, Garcia RWD. *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 167-210.
23. Benelli SJ, Costa-Rosa A. Estudo sobre a formação presbiteral num seminário católico. *Estud. Psicol.* 2003; 20(3):99-123.
24. Martins A. Religiões e tecnologias médicas: soluções mágicas contemporâneas. Uma análise a partir de Spinoza, Nietzsche e Winnicott. In: Barros JA. *Os fármacos na atualidade: antigos e novos desafios*. Brasília: ANVISA; 2008. p. 20.
25. Garcia RWD. Alimentação e saúde nas representações e práticas alimentares do comensal urbano. In: Canesqui AM, Garcia

- RWD. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 211-225.
26. Freire Júnior RC, Tavares MFL. A promoção da saúde nas instituições de longa permanência: uma reflexão sobre o processo de envelhecimento no Brasil. *Rev. Bras. Geriatr Gerontol* 2006; 9(1).
27. Lima MAXC. O fazer institucionalizado: o cotidiano do asilamento. 2005. [dissertação]. São Paulo: Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2005.

Recebido: 01/6/2010

Aprovado: 30/7/2010

